



Barriga mecânica de aluguel

Distopia à vista. A recente criação da empresa chinesa Kaiwa, sediada em Guangzhou, um robô humanoide capaz de gerar bebês em um útero artificial, causa-me mais assombro do que admiração.

Apresentada como avanço, a notícia provocou-me uma espécie de vertigem moral. A promessa científica é grandiosa: permitir que máquinas gestem vidas humanas em laboratórios, eliminando riscos da gravidez e democratizando a reprodução. Mas qual será a repercussão subjetiva numa vida gerada sem o som do coração materno, sem o calor da pele?

A Kaiwa exhibe seu feito com brilho e orgulho tecnológico — o robô gestante, dizem, representa a libertação dos limites biológicos, a vitória da razão sobre a natureza. Mas, por trás desse discurso, vejo a sombra do avanço que tenta substituir o ventre humano por uma máquina não apenas como um salto técnico, mas sim, como um abalo ético, simbólico e espiritual.

Talvez, ao perder o contato com a alma, a ciência deixe de ser aliada da vida. A gestação é mais do que um processo fisiológico — é uma experiência relacional, na qual corpo e afeto se entrelaçam em uma comunicação silenciosa que estrutura a psique do bebê. Interferir nesse processo é mais do que ousadia, é desconsiderar o que John Bowlby chamou de vínculo primário, esse fio invisível que costura a segurança emocional do ser humano desde o primeiro momento.

Segundo Bowlby, criador da teoria do apego, a base da saúde psíquica se forma nas primeiras trocas afetivas entre o bebê e o seu cuidador — o olhar, o toque, o cheiro, o ritmo da respiração compartilhada. Esses gestos, ainda antes da palavra, constituem o que ele chamava de base segura — o alicerce emocional que permite ao ser humano crescer com confiança, empatia e capacidade de amar.

Mas um bebê gestado em um útero robótico, privado dessa coreografia primitiva de afeto, se desenvolverá a partir de quê? De sensores térmicos e algoritmos? De sons simulados por inteligência artificial? A máquina pode reproduzir a forma, mas o afeto é o que nos torna humanos, e isso talvez se perca no futuro duvidoso que se anuncia.

